

## Espiritualidade para a construção de uma Ecologia Integral

### *Spirituality for the construction of an Integral Ecology*

Ceci Maria Costa Baptista Mariani<sup>1</sup>

#### Resumo

O foco dessa reflexão é a Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, considerando especialmente o tópico em que aborda o tema da espiritualidade. O texto aqui apresentado é um comentário ao documento pontifício, realizado com o objetivo de explicitar as contribuições que as orientações ali encontradas têm oferecido para a construção de uma Ecologia Integral, frente à crise civilizacional que é o grande desafio contemporâneo. Com o apoio de metodologia bibliográfica exploratória, estruturamos o texto em três pontos: num primeiro ponto procuramos retomar o sentido de espírito e espiritualidade, termos não muito bem entendidos na atualidade; em seguida, buscamos trabalhar a compreensão de espiritualidade segundo a tradição cristã a partir de suas bases bíblicas; finalmente, tecemos nossos comentários à Encíclica *Laudato Si'*, focando as linhas propostas pelo Papa Francisco para uma espiritualidade que sirva a uma ecologia integral.

**Palavras-chave:** Ecologia. Espiritualidade. *Laudato Si'*. Papa Francisco.

#### Abstract

*The aim of this reflection is to focus on Pope Francis's Encyclical Letter, Laudato Si', particularly considering the theme of spirituality. This text is a commentary on the referred papal document, aiming to point out its contribution regarding the guidance offered to the construction of an Integral Ecology in view of the civilization crisis, which is the major contemporary challenge. Supported by the exploratory bibliographic method, the article has three main parts: the first part aims to recapture the meaning of spirit and spirituality, terms that are not currently well understood; the second aims to provide a comprehension of spirituality in accordance to the Christian tradition based on the bible; the last part is a commentary on the Encyclical Laudato Si' that focuses on Pope Francis' proposed guidelines for a spirituality related to an integral ecology.*

**Keywords:** Ecology. Spirituality. *Laudato Si'*. Pope Francis.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Filosofia e Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Rod. Dom Pedro I, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br

## Introdução

É fato que enfrentamos hoje um tempo de crise civilizacional que implica uma conjunção de crises: ecológica, financeira, alimentar. É certo que o desregramento climático e a ameaça à biodiversidade tem trazido como desafio as migrações e o risco de extinção. Não se pode negar que esse estado de situações está ligado à emergência do capitalismo de consumo. O excesso e a falta de medida que caracteriza esse modo de produção está na raiz da crise ecológica.

Unindo-se às tantas vozes que tem se preocupado com o destino no mundo, o papa Francisco propõe em sua Carta Encíclica *Laudato Si'*, uma reflexão sobre o cuidado com “a nossa casa comum”, com o objetivo de oferecer orientações sobre o que fazer em prol da construção de uma ecologia integral. Dirige-se não só aos cristão, mas a cada pessoa que habita o planeta, buscando o diálogo com todos acerca do futuro da casa comum (LS, 3)<sup>2</sup>.

Sob a inspiração da Encíclica do Papa Francisco, elaboramos aqui uma reflexão sobre espiritualidade e ecologia esquematizada segundo três momentos. Em primeiro lugar procuramos retomar o sentido de espírito e espiritualidade, termos não muito bem entendidos na atualidade; em segundo, buscamos trabalhar a compreensão de espiritualidade segundo a tradição cristã a partir de suas bases bíblicas; e em terceiro tecemos nossos comentários à Encíclica *Laudato Si'*, focando as linhas propostas pelo Papa Francisco para uma espiritualidade que sirva a uma Ecologia Integral.

## Espírito e espiritualidade

A palavra espiritualidade nem sempre é bem compreendida. Muitas vezes se associa espiritualidade à “fuga do mundo”. Uma má compreensão do estilo monástico como exemplo de vida vai levar a essa compreensão. O termo espiritualidade tem sido compreendido de forma limitada na medida em que tem como referência uma elite de religiosos que, na paz dos claustros e a partir de uma vida espiritual intensa em busca da contemplação, foi capaz de produzir tratados ascéticos ou comentários bíblicos<sup>3</sup>. O teólogo Jürgen Moltmann vai fazer sua crítica sobre essa noção restrita de espiritualidade, afirmando que essa compreensão reflete uma dicotomia entre espiritualidade e vitalidade:

Espirituais são consideradas as experiências de vida dos monges e freiras, que renunciaram à ‘vida do mundo’. A ‘espiritualidade’ é marcada por aqueles que se consagram ao ‘estado espiritual’, que vivem no celibato e na pobreza, e que para seu ‘caminho de perfeição’ se consideram obrigados

<sup>2</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano, 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_encyclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html)>. Acesso: 2 abr. 2016.

<sup>3</sup> VAUCHEZ, A. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p.7-8.

aos conselhos evangélicos, isto é, ao sermão da montanha. As experiências interiores de Deus que caracterizam sua vida são muitas vezes ligadas à ascese, ao grande e ao pequeno jejum, bem como às horas tranquilas dedicadas à meditação e à contemplação<sup>4</sup>.

A categoria espírito, no entanto, de onde deriva a palavra espiritualidade, tem um sentido bem amplo e está muito ligada à nossa experiência corporal neste mundo em que vivemos. Espírito tem sentido de sopro, respiração. Considerando a palavra em seu sentido mais originário, como usada pelas tradições médio orientais, significa movimento de ar surpreendente e forte, movimento do vento, da respiração, amplitude. Como nos indica Hildebrandt<sup>5</sup>, o sentido primário de *rûah* é fôlego, e desse sentido estendido provém uma série de derivações: [...] o sentido primário de *rûah* é provavelmente “fôlego”. Deste sentido, o significado foi provavelmente estendido para significar vento ou ar em movimento. Este desenvolvimento pode explicar o misterioso e poderoso efeito que o *rûah* tem sobre a natureza e a humanidade.

A mudança de respiração afetada pelas emoções e circunstâncias, ele afirma, teria levado provavelmente a uma variedade de significados antropológicos. Como desdobramento antropológico, o termo adquire o sentido de força vital, ânimo, vontade.

No contexto teológico, *ruah*, palavra geralmente feminina<sup>6</sup> se refere à força vital dinâmica (criativa). Em sua acepção teológica, Espírito terá o sentido de força espiritual divina, força profética, Espírito de Deus.

### A espiritualidade cristã: “A vida nova no Espírito”

A partir de suas bases bíblicas, a tradição cristã vai compreender a espiritualidade como uma nova vida no Espírito de Deus, isto é, uma nova maneira de viver que brota do seguimento de Jesus, o Filho de Deus, por seu imenso amor ao mundo, crucificado e ressuscitado.

O relato de Emaús descreve com clareza essa passagem a uma nova vida que se dá pelo encontro com Jesus ressuscitado. Conforme Lucas 24, 13-35, interpreta Pagola, os discípulos:

Caminhavam ‘com ar entristecido’ e, ao ouvir as palavras dele, ‘sentem o coração arder’; haviam ficado arrasados ao comprovar a morte de Jesus; mas, ao experimentá-lo cheio de vida, descobrem que suas esperanças não eram exageradas,

<sup>4</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da vida, uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.88.

<sup>5</sup> HILDEBRANDT, W. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2008. p.24.

<sup>6</sup> Segundo HILBERATH (p.410), a palavra *ruah* em algumas vezes pode ser empregada como masculina, já que em hebraico o gênero de um substantivo é determinado pelo contexto. Cf. HILBERATH, B.J. *Pneumatologia*. In: SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000. v.1, p.403-497.

e sim demasiado pequenas e limitadas; haviam-se afastado do grupo de discípulos, frustrados por tudo o que acontecera, e agora retornam a Jerusalém para contar a todos 'aquilo que lhes aconteceu pelo caminho'<sup>7</sup>.

Segundo o Novo Testamento, os discípulos de Jesus reconhecem em seus corpos animados, o mesmo espírito que ressuscitou Jesus. O Espírito é “dom messiânico” de Deus para Jesus e por ele oferecido à comunidade. Ele estava presente e atuante na vida de Jesus e foi entregue por ele, com sua glorificação. Algo de Deus nos discípulos, testemunham os evangelhos, promove o mesmo desejo de salvação de Jesus.

A experiência da ressurreição motiva os discípulos a fazerem a releitura de suas vidas. Passam a recordar as palavras do Mestre, não como memória de um morto, mas como palavras de alguém que, vivo e atuante entre eles, continua a falar com a força de seu Espírito. Suas palavras, recolhidas em relatos, são ouvidas como “palavras de vida eterna”, pois transmitem a alegria e a paz do Ressuscitado<sup>8</sup>.

Para Paulo, afirma Juan Luis Segundo interpretando a Carta aos Romanos, o Espírito em nós promove a liberdade diante do pecado e da lei que nos escravizam. Paulo, que não conheceu Jesus histórico, mas entendeu sua mensagem e converteu-se no encontro com o Ressuscitado, fala aos Romanos sobre o pecado, e faz entender que o pecado é um “mecanismo” enganador e alienante que escraviza a todos. O pecado começa com a injustiça. No primeiro capítulo da Carta aos Romanos, em que Paulo fala do pecado dos “pagãos” (os que não são judeus), o centro é a estranha oposição verdade/injustiça que caracteriza, para ele, a idolatria. A oposição proposta por Paulo é diferente das oposições que se costuma estabelecer entre verdade/mentira ou justiça/injustiça. O poder escravizador, aqui, é o da injustiça. Mudar a verdade em mentira seria não tanto um pecado grave, mas um esforço estúpido de autoengano. O pecado é, para Paulo, mudar a verdade tendo como fim a injustiça. A verdadeira intenção da idolatria é a injustiça: a substituição da adoração a Deus que criou o humano à sua imagem para participar do cuidado da criação pelo culto a um absoluto que permita justificar a injustiça. Na idolatria, a intenção real é a de justificar a partir do divino as relações desumanizadas que se quer ter com os semelhantes<sup>9</sup>.

A idolatria é, então, o aprisionamento da verdade na injustiça. A verdade que não é um conjunto de ideias, uma doutrina, mas um projeto de vida do qual o humano participa como co-responsável pelo cuidado da criação. A verdade é a obra de Deus que significa, na perspectiva paulina judaica, a maneira da atuar da providência divina nos acontecimentos, deixando transparecer uma norma sobre a atuação humana. Para Paulo, na idolatria se esconde a verdade de que todos são filhos queridos do Pai e herdeiros do Reino de Deus, com o objetivo de manter relações injustas. A consequência do pecado

<sup>7</sup> PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010. p.507

<sup>8</sup> *Ibid.*, p.528-530.

<sup>9</sup> SEGUNDO, J.L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: II/I história e atualidade: sinóticos e Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p.339.

é, então, a desumanização. A vida no espírito do crucificado ressuscitado, portanto, revela a verdade e liberta do pecado.

Para Paulo, continua Segundo, o Espírito também liberta da lei. Afirmada pelos judeus como caminho de salvação, a lei escraviza. A injustiça que desumaniza se expressa na conduta do judeu que, mediante a consciência de ter sido privilegiado com a norma revelada, compreende-se como aquele que julga. A Lei, enquanto revelação da verdade de Deus para o homem, deve ser cumprida, uma vez que o sentido da Lei é oferecer o conhecimento do pecado deve evitar condutas injustas. O judeu, segundo Paulo, desvia a atenção do cumprimento da Lei para o privilégio da Lei, fazendo com que a Lei deixe de prover o conhecimento do pecado e permita justificar as desumanizadas relações entre os homens de uma religião e os demais<sup>10</sup>. A Lei, enquanto conjunto de meios religiosos, quando absolutizada, isto é, colocada acima do homem, torna-se estéril e promove a injustiça.

O Espírito para Paulo, também liberta da escravidão da carne. A partir de uma perspectiva apocalíptica e não gnóstica (dualista), Paulo entende o conflito entre “espírito” e “carne” no contexto da luta entre o futuro de Deus (o Reino) que já apresenta seus sinais, e a realidade desse mundo de injustiça e de morte. A grande esperança provocada pela visão do crucificado ressuscitado anunciando a redenção da criação toda pela força do amor que se fez vitorioso, faz enxergar com mais clareza os poderes que escravizam o humano e degradam a vida. “Carne” não indica o nível ontologicamente inferior do ser em oposição ao nível mais elevado da alma ou do espírito, esclarece o teólogo Jügen Moltmann, mas a esfera do mundo criado, do tempo desse mundo passageiro que o pecado transforma em arena de luta contra o mal:

O conflito entre ‘espírito’ e ‘carne’ no homem é nada menos do que a ponta antropológica da apocalíptica universal, segundo a qual ‘esse mundo passa’, porque a nova criação de todas as coisas já teve início com a ressurreição de Cristo dentre os mortos. Por isso nós não somos remidos do mundo mas sim com o mundo. A experiência cristã do Espírito não nos separa do mundo. Quanto maiores as nossas esperanças para o mundo, tanto mais profunda passa a ser nossa solidariedade com seus sofrimentos e seus gemidos<sup>11</sup>.

O fruto dessa liberdade promovida pelo Espírito será, para Paulo, o amor. *Ágape*, vai mostrar o teólogo dominicano Marie-Dominique Philippe, é uma ligação particular que, no entanto, assume toda forma de amor humano, não significa sublimação das formas humanas de amor mas é experiência que assume toda forma de amor e as transforma:

[...] o ágape, que significa o amor trinitário, não se identifica, jamais, com esse impulso que é o eros – o qual não se

<sup>10</sup> Cf. SEGUNDO, 1985, p.366.

<sup>11</sup> Cf. MOLTSMANN, 1999, p.92.

identifica com uma ternura espontânea, nem tampouco se identifica ao amor recíproco, a filia.

A escritura recorre, portanto, a uma nova palavra, cuja significação devemos apreender. Mas compreendamos bem que o amor-agape, superior aos três outros – eros, filia e ternura passional –, os assume, isto é, que tudo o que tem de amor na filia, no amor passional e no eros, tudo o que tem de amor nestas três modalidades do amor humano, se encontra eminentemente no mistério do amor divino. É isso que devemos entender<sup>12</sup>.

A parábola do Bom Samaritano é uma boa palavra para falar o amor *Ágape*. Com ela Jesus apresenta a capacidade humana de amar com o amor que Deus dedica à criação, amor de cuidado desinteressado, absolutamente gratuito.

À diferença do amor humano que é resposta a algo que atrai, o *Ágape* é amor que implica uma vontade de amar, um mandamento: “amar a Deus sobre todas as coisas. amai-vos, uns aos outros como eu vos amei!”

[...] Ele nos dá seu amor que transforma nosso coração, nossa vontade no que ela tem de mais profundo, e lhe dá a capacidade de responder a esse amor novo, um amor livre que vem de nós e nos permite doar-nos, totalmente a ele. Como ele se dá a nós totalmente, assim nos damos totalmente a ele. Há realmente uma verdadeira reciprocidade no amor e isto se prolonga na caridade fraterna, onde nós amamos nossos irmãos, com Jesus ama<sup>13</sup>.

*Ágape* é o amor de Deus transformando as nossas possibilidades de amar, dando-nos condição para estabelecer um vínculo fundado na gratuidade e não na retribuição. É o amor oblativo que inclui a disposição para a entrega de si. Esse amor é o que a tradição cristã vai chamar *cáritas*, caridade.

Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, em seus manuscritos autobiográficos, descreve muito bem o sentido profundo de *cáritas*, o amor que ultrapassa as nossas próprias capacidades, o amor que é de Deus em nós. *Cáritas* é o amor eucarístico, revelado a nós na última ceia, quando Jesus, “com indíizível ternura”, dá aos discípulos um novo mandamento, que amem uns aos outros como ele os amou.

Este ano, Madre querida, Deus deu-me a graça de compreender o que é a caridade. Antes é verdade que eu o compreendia, mas de maneira imperfeita, não tinha aprofundado essa palavra de Jesus: ‘O segundo [mandamento] é semelhante a este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’.

<sup>12</sup> PHILIPPE, M.-D. *O Amor, na visão filosófica, teológica e mística*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.78.

<sup>13</sup> *Ibid.*

Dedicava-me, sobretudo, a amar a Deus e foi amando-o que compreendi que não devia deixar meu amor traduzir-se apenas em palavras, pois ‘Nem todos os que me dizem: ‘Senhor, Senhor’ entrarão no reino dos céus, mas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus’. Essa vontade, Jesus me deu a conhecer muitas vezes, deveria dizer quase a cada página do Evangelho; mas na última ceia, quando sabe que o coração dos seus discípulos arde de maior amor por Ele que acaba de dar-se a eles no inefável mistério da sua Eucaristia, esse doce Salvador quer dar-lhes um novo mandamento. Diz-lhes com indizível ternura: Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; e que, *assim como eu vos amei, vós também vos ameis uns aos outros*. O sinal pelo qual todos reconhecerão que sois meus discípulos é este: se tiverdes amor uns pelos outros<sup>14</sup>.

O sentido profundo da caridade que é o amar como o próprio Deus ama, só pudemos compreender e só podemos vivenciar, continua ela, porque tivemos o próprio Filho de Deus, entre nós.

Quando o Senhor ordenou a seu povo que amasse o próximo como a si mesmo, não tinha vindo ainda à terra. Por isso, sabendo até que grau a pessoa ama a si mesmo, não podia pedir às suas criaturas amor maior para com o próximo. Mas quando Jesus deu a seus discípulos um mandamento novo, o Seu mandamento, como diz adiante, não é mais amar o próximo como a si mesmo que ele ordena, mas amá-lo como Ele, Jesus o amou, como o amará até o final dos séculos [...]<sup>15</sup>.

A caridade, testemunha, é o amor com o qual Deus ama em nós: Ah, Senhor! Sei que não ordenais nada impossível, conheceis minha fraqueza e minha imperfeição melhor do que eu mesma; bem sabeis que nunca poderei amar as minhas irmãs como vós amais, se vós mesmo, ó meu Jesus, não as amásseis em mim<sup>16</sup>.

A espiritualidade cristã consiste, portanto, num itinerário que visa alcançar esse amor maior. Não implica em “fuga”, ao contrário, é caminho que desemboca num imenso amor ao mundo, uma “indizível ternura” para com toda a criação. Um amor livre de apegos, amor gratuito, amor de doação capaz de trazer vitalidade ao mundo, principalmente onde a vida está mais ameaçada. A espiritualidade cristã, considerando sua base bíblica, tem um sentido ecológico.

Com isso posto, passamos agora à Encíclica *Laudato Si'* e suas orientações no que se refere ao tema da espiritualidade.

<sup>14</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 2001. p.233.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*

## Linhas de espiritualidade ecológica segundo a Encíclica *Laudato Si'*

No que diz respeito à espiritualidade, o Papa Francisco, querendo explicitar a contribuição que a tradição cristã pode oferecer, propõe uma conversão ecológica. Como podemos observar, essa conversão na Encíclica, não significa um desvio, uma mudança de rumo, mas um retorno às bases da espiritualidade cristã que tem, de fato, um sentido ecológico.

Em sua base bíblica como vimos, a espiritualidade cristã implica a liberdade e tem como fruto *Ágape*, o amor desinteressado, amor gratuito dirigido ao outro, o próximo, e à toda a criação. A espiritualidade cristã, enquanto vida no Espírito de Jesus deve “alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo” (LS, 216).

A conversão ecológica, segundo o Papa Francisco, comporta várias atitudes que se conjugam para ativar o cuidado. Em primeiro lugar implica a gratidão e gratuidade. A gratidão pelo reconhecimento do mundo como dom do amor do Pai que deve levar à disposição para a gratuidade (LS, 220).

Uma justa hermenêutica da sabedoria religiosa contida no livro do Gênesis, orienta a Encíclica, vai mostrar que a Bíblia não afirma um antropocentrismo despótico, mas fala da vocação humana ao cuidado da criação (LS, 67-68). Para a sabedoria bíblica, a missão humana é “cultivar e guardar” o jardim do mundo (LS, 67). Para a tradição judaico-cristã, a natureza é criação, isto é, fruto de um projeto de amor de Deus e por isso, cada criatura tem um valor e um significado. Conforme o Salmo 104/103, 31, lembra a Encíclica, “somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus” (LS, 69).

Ainda segundo a Bíblia, o desejo humano de dominação destroi a harmonia da relação entre criador e criatura (LS, 66). Nas narrações antigas sobre a criação do mundo já se encontra, afirma o Papa Francisco, “a convicção atual de que tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros (LS, 70).

A conversão ecológica, acrescenta o Papa, implica também a consciência da existência de uma comunhão universal. Concebendo a natureza como um projeto de amor de Deus, a partir da tradição judaico-cristã pode-se afirmar que todas as criaturas com seu valor e significado único, estão unidas por laços invisíveis e formam uma espécie de família universal. Sem atribuir um caráter divino à natureza, essa tradição pressupõe o respeito a legítima autonomia das realidades terrestres, mas anuncia a presença de Deus atuando nessa realidade.

Com base nessa concepção de criação se afirma que Deus “está presente no mais íntimo de cada coisa sem condicionar a autonomia das realidades terrenas. Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, ‘é continuação da ação criadora’” (LS, 80).

Nesse projeto, afirma a Encíclica, interpretando a tradição bíblica, o humano tem um lugar e uma responsabilidade singular, conduzir toda a criação à sua realização

plena. Sob a inspiração da mística de Teilhard de Chardin, o Papa Francisco afirma que a “meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado” (LS, 83).

Isso quer dizer que “o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu criador” (LS, 83). O destino do mundo é, nesse sentido, ser transfigurado pela vivência de ágape, o amor com o qual o Filho de Deus amou o mundo, amor oblato, absoluto, incondicional.

A consciência dessa comunhão universal no contexto dessa vocação de amor para a qual o humano é chamado, leva, portanto, a uma Ecologia Integral, pois traz a exigência de unir à preocupação com o meio ambiente, o amor sincero pelos seres humanos e o compromisso com os problemas da sociedade (LS, 91).

Toda a abordagem ecológica, orienta o Papa Francisco, “deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos”. Retomando as palavras de São João Paulo II em sua contundente Encíclica *Laborens exercens*, afirma: “O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, conseqüentemente, o direito universal ao seu uso é uma ‘regra de ouro’ do comportamento social e o ‘primeiro princípio de toda a ordem ético-social’” (LS, 93).

Isso quer dizer que a conversão ecológica implica também a criatividade e o entusiasmo para resolver os dramas do mundo (LS, 220). A espiritualidade cristã, podemos inferir das palavras do Papa Francisco, confia na vitalidade que brota da oferta de si como “sacrifício vivo”, isto é, na luta pela construção dessa fraternidade universal que Jesus chamou Reino de Deus.

Para o Papa Francisco, essa conversão ecológica fundada numa teologia da criação e no seguimento de Jesus deve se desdobrar num estilo de vida despojado, numa vida de sobria alegria e paz consigo mesmo.

Uma Ecologia Integral, o Papa afirma, “exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença ‘não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada’”.

Essa serena harmonia se alcança através de gestos quotidianos de cuidado mútuo, mas também, ele acrescenta, exige o esforço de pensar estratégias amplas para que se detenha a degradação ambiental e se incentive uma cultura do cuidado. O amor dos pequenos gestos se articula ao amor social, “é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor” (LS, 231).

A espiritualidade cristã, portanto, não propõe a fuga do mundo mas a celebração do mundo como sacramento de Deus, pois, para a experiência cristã “todas as criaturas do universo material encontram seu verdadeiro sentido no verbo encarnado, porque o Filho de Deus incorporou na sua pessoa parte do universo material, onde introduziu um germen de transformação definitiva” (LS, 235).

Na Eucaristia, lembra o Papa Francisco, a criação encontra sua maior elevação. Celebrado no primeiro dia de todas as semanas, o sacramento da Eucaristia convida a comungar no mistério da encarnação de Deus que quis chegar ao nosso íntimo através de uma pedaço de matéria. A eucaristia é “ato de amor cósmico” através do qual a céu e terra se unem (LS 236). Faz parte da espiritualidade cristã santificar o domingo, que tendo no centro a Eucaristia, difunde sua luz sobre a semana inteira e encoraja a assumir o cuidado da natureza e dos pobres (LS, 237).

A comunhão é central na espiritualidade cristã. Para os cristãos, toda a realidade contém a marca de Deus que é comunhão trinitária da qual o mundo participa. Neste sentido, o crescimento, amadurecimento e santificação implica a saída de si para viver essa comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas do mundo (LS 240), rumo ao destino final de tudo que é o encontro face a face com a beleza infinita de Deus (LS 243).

### Considerações Finais

Como pudemos ver, a tradição cristã tem grande contribuição a dar para a construção de uma Ecologia Integral. Retomando suas bases bíblicas, pudemos perceber que a Vida no Espírito não implica uma “fuga do mundo”, mas um compromisso com a vida. Pois, o Espírito no ensinamento de Paulo, como nos mostra Juan Luís Segundo, não nos retira do mundo, mas nos liberta das várias formas de escravidão e nos capacita para uma vida de amor-ágape, isto é, amor de gratuidade inspirado no amor cuidadoso dedicado por Deus-Pai à toda à criação.

A Encíclica *Laudato Si'* do Santo Papa Francisco, convocando a uma “conversão ecológica”, lembra aos cristãos e a todos que algumas atitudes são essenciais para ativar os cuidados. Em primeiro lugar afirma que é preciso cultivar a gratidão pelo reconhecimento do mundo como dom do amor do Pai que deve levar à disposição para a gratuidade; em segundo lugar que é fundamental aprofundar a consciência de que participamos de uma comunhão universal com uma responsabilidade especial, pois criados à imagem de Deus e feitos filhos no Filho, somos criaturas vocacionadas ao amor e ao cuidado; em terceiro lugar, que é imprescindível o compromisso social, pois toda abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos.

Equivocadamente interpretada de forma dualista, a espiritualidade cristã não despreza o mundo, mas exige o compromisso com a vida. Tendo diante de si um horizonte escatológico, celebra já a redenção de toda a criação que clama em dores de parto pela Vida Nova que se realizará em plenitude na eternidade.

Enfim, apesar do cenário dramático, o Papa Francisco termina a Encíclica convidando a todos, cristãos e não-cristão, para que unidos, com alegria e esperança, tomem a cargo a tarefa de cuidar dessa casa comum.